

SOBRE O TRABALHO DE JOÃO TREVISAN

Em minha infância, os trens e as estações ferroviárias estavam no centro das cidades, faziam parte da vida de todos, inspirando poetas, como Manoel Bandeira, e artistas, como Tarsila do Amaral. Depois, quando viemos morar em Brasília, ainda circulavam com passageiros pelo interior do País. Hoje, são poucos, servem apenas para cargas, e nos resta vê-los passar. São veículos longos e demorados, mas há neles algo de irresistível, um tipo de atração que sentimos por grandes máquinas.

Trens são coisas atreladas que dependem de trilhos para que tenham aonde ir. Seu deslizamento pesado implica uma estrutura de acomodação que lhes alivie o esforço, harmonizando sua passagem sobre o terreno. Daí se assentarem em trilhos amarrados sobre dormentes, deitados sobre o balastro de cascalho no solo cru de terra batida.

A linha férrea se faz sobre ela mesma, inaugurando-se ao se construir. E vai se desenrolando sobre seus próprios intervalos, ritmando seu curso. Assim também é o artista e seu trabalho. A alternância de meios e suportes, passando do objeto à performance ou pintura, é parte da viagem que em sua lógica segue um turno regular.

João Trevisan preserva a integridade dos componentes que toma, trabalhando sua reordenação. Ele apenas empresta os pedaços descartados para reconstruir o mistério que se faz entre tempo e espaço: a ordenação de intervalos. Essa é a matéria que interessa ao seu pensamento, aquilo que ele vai manipular, acumulando dobras entre as partes. É assim que ele nos fala de um destino, de uma ausência e de uma transformação.

Quando manipula os pesados troncos dos dormentes em suas performances, João reproduz instintivamente a variedade de apoios que o sistema férreo já utiliza. Faz alavanca, apoia o peso nas mãos em finca, transfere esse peso para o ombro, exercita uma movimentação silenciosa. Assegura a integridade dos corpos, interagindo como parte do conjunto. Trata-se de uma dança cuidadosa entre pesos e esforços, um tipo de contato e improvisação: ele, a madeira, os metais e a gravidade. Um esforço para resgatar a dinâmica que se preserva na memória de tais objetos. As partes descartadas voltam, enfim, a operar seus desígnios.

Convivo com um de seus ensaios escultóricos. Um corpo formado por duas chapas de junção e um único parafuso que as sustenta em ângulo despropositado. Permanece parado, sabe-se lá por qual domínio, pois é instável. E é graças ao equilíbrio que tal corpo se dimensiona, cria suas sombras, soma seus contornos e orifícios, e as qualidades estão tanto na coisa estranha que aquilo é quanto no vazio que contém. O intervalo é elemento central da composição, em que se alternam partes cheias e vazias, coisas de igual importância.

Em suas pinturas, a área que contorna cada acontecimento conta como intervalo de acomodação. Como um afeto e uma carência, elas se complementam, criando um espaço onde o olhar pode transitar. A pintura muito limpa e escovada reverbera suas formas em pequenas peças deslocadas, como um tipo de imagem estrábica. Algo de dentro que subitamente se encontra fora, questionando o suporte, como se fosse possível congelar a instabilidade inerente às coisas sólidas demais.

É muito difícil falar e escrever sobre o trabalho de qualquer artista. Então me parece mais importante chamar a atenção para a postura do sujeito diante de suas escolhas. E João Trevisan me alegra com a disposição com que se dedica ao estudo e ao trabalho, e isso se reflete em uma produção consequente que merece reconhecimento. Faço melhor relatando uma pequena história do artista em seu processo.

João me contou emocionado que, recolhendo peças abandonadas no leito da ferrovia, avistou o comboio que vinha em sua direção. Não se moveu. Embora tivesse o coração na boca, aguardou o trem passar junto a seu corpo. Não resistiu a enfrentar a máquina. Devagar estendeu a mão e deixou que a ponta dos dedos tocasse de leve a locomotiva que passava sem parar.

Depois, na galeria, sou eu que repito o gesto, querendo tocar seu trabalho, imaginando para onde possa me levar. RALPH GEHRE, junho de 2019.

Glossário:

Bitola substantivo feminino 1. É a largura determinada pela distância medida entre as faces interiores das cabeças de dois carris ou trilhos em uma via férrea. <https://www.dicionarioinformal.com.br/bitola/>

Dormente adjetivo de dois gêneros. 1 Madeira colocada transversalmente à via, onde se assentam os trilhos da ferrovia. 1.1 Que dorme ou está adormecido 1.2 Privado temporariamente de sensibilidade (tb. fig.); insensível = "ter os pés d." Sinônimos: calmo, manso, plácido, repousado, sereno, tranquilo, apático, preguiçoso, vagaroso, quieto, imóvel, imperturbado, pacato, doce, inalterável, insensível.

Trilhos substantivo masculino. 1 São duplas paralelas de perfis de aço alinhados e nivelados de forma estratégica a suportar o primeiro contato do material rodante sobre si. São fixados ao dormente com o objetivo de manter sua firmeza, dando estabilidade aos veículos, bem como também de manter sua bitola. Com a evolução do transporte ferroviário pelas décadas, se utilizou vários formatos de trilho, porém o que se mostrou mais eficiente, em formato "T", foi especificamente o Vignole, o qual tomou esse nome graças ao seu criador, o engenheiro ferroviário inglês Charles B. Vignoles (1793-1875). <https://www.brasilferroviario.com.br/>